



Tem tempos que deixamos de enviar cartas. Aquelas escritas no próprio punho e que demoravam alguns dias para pousar nas mãos do seu destino final. Estes dias, em conversa com uma amiga, dei a ideia de trocarmos cartas. Tinha visto por cima algumas cartas da Clarice Lispector com o Fernando Sabino.

Pensando bem agora, com mais clareza, eu acho que sugeri para poder entrar em um (parênteses), deixar um espaço no parágrafo do tempo que, para mim, parece correr como se estivesse em uma competição. A minha época, não é do tempo das cartas. Eu definitivamente nasci na transição entre brincar na rua de casa e ficar trocando o nickname do MSN durante a adolescência.

Quando penso no tempo das cartas, sinto o cheiro de vela se derretendo, a cera caindo no prato, a folha amarelada, respingos de tinta pelo papel. Me parece todo um glamour, humilde, por ser de um jeito artesanal, com os nossos rastros desenhados em letras. Eu com certeza mandaria sempre com várias manchas.

Escrever cartas, é um tempo que dentro do tempo precisa de um tempo. Um tempo para sentar, um momento para perceber o que se sente, escrever cuidadosamente, pois depois que as folhas partirem não vai dar para editar e muitos menos trocar o destinatário final. Vai ser entregue exatamente como está lá. Será que não tem arrependimentos nas declarações de amor por carta? Só enviando uma segunda avisando para descartar a primeira. E se o carteiro perde-las? Não duvido! Acho que muitos amores findaram por culpa de cartas extraviadas. Os apaixonados devem ter pensado que o outro não tinha tanto interesse em continuar. Se até hoje acontece, tantas palavras escritas e nunca ditas.

Pensando bem, na época das cartas às despedida doíam um pouco menos, não chegavam com rapidez. Quando a morte visitava, as pessoas viviam algum tempinho a mais na mente dos seus amados, antes de irem embora do mundo. A informação não tinha pressa. Dava para apreciar um pouco mais sem o despejo das notícias ruins.

Na minha época, talvez o ano não seja o problema. Talvez em alguns lugares do meu tempo o tempo passe mais devagar. Na casa de repouso, no lar dos velhinhos, nas despedidas da morte, o tempo passa diferente. A solidão faz o tempo passar diferente. Longas esperas. O silêncio dói no peito. A certeza de que aquele alguém não vai passar para acelerar o tempo do coração. Faz pausas nas batidas.

Sendo sincera, creio que as pessoas tenham sede de receber cartas. Eu tenho a quase certeza, se você chegou até o final desse lero-lero de tempos e cartas. Já pensou? Nas suas mãos, as folhas dobradas em um envelope, com o selo vermelho, escrito cuidadosamente destinado a você, com o seu nome no cantinho, "para fulano". Abrindo, "oi meu bem! Como você tem estado? o que tem pensado? o que andou vivendo? o que te fez feliz hoje?".

Entendo, eu também me sinto assim. Talvez possamos convidar o tempo de costurar cartas para dentro de algum tempo do nosso tempo. Espero que você possa convidar alguém para esse momento.

**40**

**BOLETIM KULTRUN**



***Ingrid Dayling Baez Lopez***

Psicóloga Clínica.

Participa no projeto Laboratório de Escrita Criativa.

*"Lero-lero sobre cartas, tempo e (des)encontros", Ingrid Dayling Baez Lopez*

**Vol. 5, N° 1 - Julio de 2023 || ISSN 2763-5066**